



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO: LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**ALINE BATISTA DA SILVA**

**O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO NO PARQUE DO POVO: A  
SEGREGAÇÃO SOCIOECONÔMICA E SEUS VÁRIOS TERRITÓRIOS.**

**CAMPINA GRANDE-PB  
2016**

**ALINE BATISTA DA SILVA**

**O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO NO PARQUE DO POVO: A  
SEGREGAÇÃO SOCIOECONÔMICA E SEUS VÁRIOS TERRITÓRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Estadual da Paraíba, para obtenção do grau de licenciatura em geografia, sob orientação do professor Dr. Antonio Albuquerque da Costa.

**CAMPINA GRANDE-PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586m Silva, Aline Batista da  
O maior São João do mundo no Parque do Povo [manuscrito] :  
a segregação socioeconômica e seus vários territórios / Aline  
Batista da Silva. - 2016.  
53 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa,  
Departamento de Geografia".

1. Evento. 2. Segregação. 3. São João. 4. Território. I.  
Título.

21. ed. CDD 910

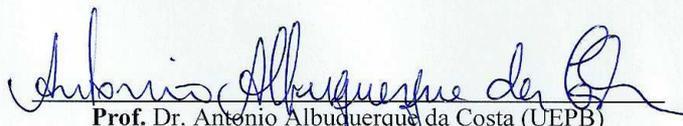
**ALINE BATISTA DA SILVA**

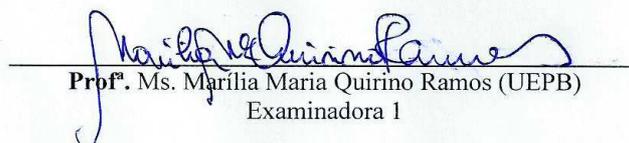
**O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO NO PARQUE DO POVO: A SEGREGAÇÃO  
SOCIOECONÔMICA E SEUS VÁRIOS TERRITÓRIOS**

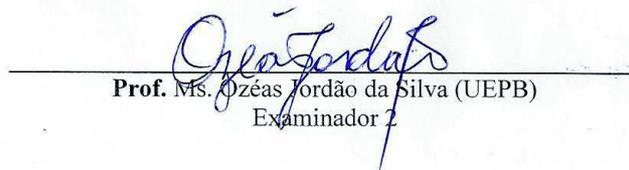
Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Universidade Estadual da Paraíba, para obtenção do grau de licenciatura, sob orientação do professor Dr. Antonio Albuquerque da Costa.

Aprovada em: 05/04/2016

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa (UEPB)  
Orientador

  
Prof. Ms. Marília Maria Quirino Ramos (UEPB)  
Examinadora 1

  
Prof. Ms. Ozéas Jordão da Silva (UEPB)  
Examinador 2

**CAMPINA GRANDE-PB  
2016**

**ALINE BATISTA DA SILVA**

**O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO NO PARQUE DO POVO: A  
SEGREGAÇÃO SOCIOECONÔMICA E SEUS VÁRIOS TERRITÓRIOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Universidade Estadual da Paraíba, para obtenção do grau de licenciatura, sob orientação do professor Dr. Antonio Albuquerque da Costa.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa (UEPB)**  
Orientador

---

**Prof<sup>a</sup>. Ms. Marília Maria Quirino Ramos (UEPB)**  
Examinadora 1

---

**Prof. Ms. Ozéas Jordão da Silva (UEPB)**  
Examinador 2

**CAMPINA GRANDE-PB**  
**2016**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, que me concedeu saúde física e psíquica, coragem e sabedoria para que eu pudesse passar por várias etapas e chegar até aqui.

Aos meus pais e irmãs, que sempre apoiaram as minhas escolhas e me motivaram a seguir em busca de meus objetivos. Também aos meus sobrinhos que foram minha inspiração, em ser exemplo para que eles compreendam a importância de estudar.

A Universidade, seu corpo docente, direção e administração, que oportunizaram as janelas que hoje vislumbro o horizonte superior.

Ao meu orientador Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa, pela sua dedicação no tempo que lhe coube e pelas suas correções que foram tão construtoras para realização desse trabalho.

Aos professores Ms. Marília Maria Quirino Ramos e ao Ms. Ozéas Jordão da Silva, que fizeram parte da banca examinadora, não apenas pela dedicação na revisão desse trabalho, mas pelo importante papel que desempenham na Academia.

Também quero agradecer a todos os alunos que fizeram parte da turma 2011.1, amigos que permaneceram comigo ao longo dessa caminhada e contribuíram de alguma forma para realização desse sonho.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico a realização deste Trabalho aos meus melhores professores, aos meus pais. Eles quem me prepararam para ser aprovada nas etapas da vida e me motivaram a ser perseverante para realização desse sonho.

SILVA, Aline Batista. **O Maior São João do Mundo no Parque do Povo: A segregação socioeconômica e seus vários territórios.** Artigo de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia. UEPB/CIA/DG. Campina Grande-PB, 2016.

## RESUMO

O Maior São João do Mundo, festejo junino que acontece na cidade de Campina Grande, promove 30 dias de festa, que recebe grandes atrações e busca atrair o mais variado público. Por ser um evento prestigiado por pessoas de diferentes culturas e classe social, disponibiliza de espaços distintos para o variado público. Nesse contexto, a pesquisa foi desenvolvida com base na análise da segregação social e nos territórios existentes no local da festa. Durante a pesquisa de Campo os colaboradores que responderam à entrevista afirmaram ser notória a concentração de grupo de pessoas que se reúnem em áreas específicas, com o sentimento de pertencimento, fazendo daqueles espaços seus territórios. Também observaram que o Parque do povo é dividido em área da elite econômica, que recebe os melhores atendimentos. É a área da classe de baixa renda, vista como espaço marginalizado e que oferece perigo para a segurança dos demais, a exemplo da Pirâmide. Desde os primórdios da criação do Parque do Povo para a realização do evento, já se havia a intenção de separar área mais privilegiada do Parque para “elite” e a menos atrativa para população carente. Essa segregação vem se intensificando ao longo dos anos, não apenas de forma espontânea, mas sendo influenciada pelo poder público, fortes empresários e organizadores da festa. A formação do território de segregação social mostra que a festa não é homogênea, mas com interesse particular, onde cada grupo vivencia seu festejo, sendo assim a cidade realiza “as festas juninas”, no Maior São João do Mundo.

**PALAVRAS CHAVE:** Evento, Segregação, São João, Território.

## ABSTRACT

The Greater Saint John of the World, junino celebration that takes place in the city of Campina Grande, promotes 30-day festival, which receives great attractions and seeks to attract the most varied audience. Being a prestigious event for people of different cultures and social class, provides separate spaces for varied public. Based on this research was developed based on the analysis of social segregation and existing territories party site. During the field survey employees who answered the questionnaire said it was notorious concentration group of people who gather in specific areas, with the feeling of belonging, making those spaces their territories, also noted that the people of the park is divided into area of the economic elite, receiving the best care. And the area of the low-income class, seen as marginalized space, offering danger to the safety of others, such as the pyramid. Since the beginning of the creation of People's Park for the event, as it was intended to separate the most privileged area of the park to "elite" and less attractive to poor. This segregation has intensified over the years, not apena spontaneously, but being influenced by the government, strong business and party organizers. The formation of the territory of social segregation shows that party is not homogeneous, but with particular interest, where each group experiences its celebration, so the city holds "the Jerk" in Greater Saint John of the World.

KEYWORDS: Event, Segregation, St. John, Territory.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
I. A HISTÓRIA DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO.....	11
II. A SEGREGAÇÃO SOCIAL PRESENTE NO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO.....	25
III. OS TERRITÓRIOS EXISTENTES NO PARQUE DO POVO.....	34
IV. A INFLUENCIA POLÍTICA NO EVENTO.....	43
V. O EVENTO FORTALECE A ECONOMIA DA CIDADE.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	51
APÊNDICI.....	52

## INTRODUÇÃO

A festa junina que acontecia em Campina Grande em 1983, idealizada pelo prefeito Ronaldo Cunha Lima, para ser o maior São João do Mundo, não ficou apenas no sonho do idealizador, a cidade hoje promove o “Maior São João do Mundo”, que é destaque no Brasil e no exterior, como evento que melhor retrata a festa do interior e a cultura nordestina. Esse evento ao longo dos anos tem se destacado no turismo nacional e local, movimentando a economia e trazendo desenvolvimento para a cidade de Campina Grande-PB.

Para o desenvolvimento desse trabalho a pesquisa buscou fazer uma análise da organização do <sup>1</sup>Parque do Povo, durante o evento do Maior São João do Mundo, dando ênfase à questão socioeconômica e a análise dos espaços que são ocupados por diferentes grupos de pessoas, que se agrupam em determinadas áreas de acordo com seu perfil socioeconômico e cultural, fatores que contribuem para a existência da segregação social, econômica e cultural e da formação de vários territórios dentro do espaço da festa.

O Maior São João do Mundo de Campina Grande-PB é um evento de grande importância para os campinenses, além de ser um dos maiores eventos culturais que atrai turistas de várias partes do mundo. Esse evento tem muitos aspectos que precisam ser observados, além do forró; fatores esses que serviram de incentivo para realização da pesquisa, envolvendo os aspectos sociais e territoriais inseridos no mesmo.

Outro fator importante para a realização desta pesquisa é aumentar o acervo de conhecimento sobre o Maior São João do Mundo, que vai muito além de uma festa junina. O evento tem muitos aspectos que podem ser vistos e analisados aos olhos de sociólogos, antropólogos, geógrafos, Historiadores e demais profissionais, portanto é necessário enriquecê-lo bibliograficamente, para ter maior incentivo no desenvolvimento de outras pesquisas sobre os vários aspectos presentes neste evento.

Como problemática partiu-se do pressuposto de que se existe uma divisão de classes sociais e econômicas ocupando diferentes áreas dentro do evento, qual relação de poder que se estabelece entre elas?

Quais fatores essa segregação impactam no evento e como é a mesma vista aos olhos do público que prestigia o evento?

---

<sup>1</sup> Espaço localizado em área central da cidade, para realização de eventos públicos, a exemplo do Maior São João do Mundo.

As pessoas que traçam os mesmos perfis sociais estão ocupando determinadas áreas de forma natural ou são impostas?

As hipóteses que nortearam a pesquisa foram: O poder público organiza o evento distribuído as atrações de acordo com perfil socioeconômico das pessoas, influenciando no local onde públicos específicos devem se concentrar.

As pessoas se territorializam em lugares específicos ao longo tempo de forma espontânea, por se sentirem mais a vontade como pessoas da mesma classe social e econômica que compartilham da mesma cultura.

Existem no espaço da festa agrupamento de pessoas de cultura e perfil econômico afins, que se concentram no mesmo lugar, durante os 30 dias, os quais podem ser considerados de territórios. Existe uma segregação social para privilegiar uma determinada elite econômica a qual é influenciada pelos empresários e organizadores do evento.

Como objetivo tem-se a intenção de analisar a questão social envolvida no evento se é percebível pelo público a existência dos territórios e da segregação social no Maior São João do Mundo.

Como objetivos específicos esta pesquisa busca: Identificar outros fatores que acontecem no Maior São João do Mundo, além do grande evento turístico.

- Evidenciar a existência dos territórios, suas diferenças e as relações de poder que se estabelecem entre eles.

- Relatar a desterritorialização de alguns, que ocorreu ao longo dos anos.

- Perfilar socioeconomicamente os frequentadores do evento.

- Analisar o papel do poder público na metamorfose estrutural do evento.

- Mapear o local da festa, o Parque do povo, identificando os pontos ocupados de acordo com perfil socioeconômico do público e destacar os territórios existentes.

- Identificar a influência do poder público e dos grandes empresários que fazem parte da festa, em que contribuem para existência desses fenômenos.

Metodologicamente a pesquisa é exploratória com trabalho de campo e análise de classificação qualitativa e quantitativa, objetivando analisar os aspectos políticos, culturais, econômico, religiosos e o comportamento social das variáveis que constroem a realidade sócioespacial da conjuntura da festa.

O processo da coleta de dados foi efetuado através de pesquisa de campo realizada no Parque do Povo, na qual as pessoas entrevistadas responderam a itens que especulavam sobre a opinião pública diante das questões elaboradas. Foram entrevistadas pessoas que

participam do evento de forma direta, 100 pessoas selecionadas aleatoriamente em forma de amostragem, responderam entre elas; frequentadores locais, turistas, comerciantes e pessoas que trabalham de forma direta no evento.

Para obter melhor resultado na pesquisa de campo foi utilizado o roteiro de entrevista, o questionário, câmera filmadora e fotográfica que registraram informações do público e imagens do evento.

## I. A HISTÓRIA DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO

A festa junina tem sua origem cultural do interior nordestino em comemoração à colheita do milho, daí a tradição da culinária regional durante o festejo que é enriquecido com os pratos típicos derivados do milho: a canjica, a pamonha, o bolo de milho, entre outros. A culinária é elemento fundamental que caracteriza o festejo junino e da cultura nordestina. Além de ser direcionada a colheita do milho, comemora-se também durante o mês de Junho, três importantes santos da Igreja católica: Santo Antonio, São João e São Pedro. Os quais têm seus dias celebrados com muito festejo, uma vez que têm elevada importância na devoção do povo nordestino.

No dia 12 de junho é celebrado o dia de Santo Antonio, considerado o santo casamenteiro, nesse dia é comemorado o dia dos namorados, no qual os devotos fazem orações e simpatias elevando suas preces ao santo para conseguirem um bom casamento. São João o mais festejado, tem seu dia celebrado no dia 24 de junho, cuja tradição de ascender fogueiras dá-se pela narrativa da anunciação do seu nascimento, e na intenção de manter a tradição no seu dia, os devotos ascendem fogueiras para celebrar o dia de São João. São Pedro “aquele que tem a chave do céu”, segundo a crença popular, tem seu dia celebrado no dia 29 de junho, o qual encerra as comemorações dos devotos durante o mês do festejo junino.

Durante a festa destaca-se a apresentação de quadrilhas, dançada por várias pessoas em dupla, na qual se realiza o casamento matuto, a figura do homem da roça e a religiosidade do povo nordestino. Segundo narrativa do site Wikipédia, a quadrilha foi introduzida no Brasil durante o período Colonial em 1530, pelo aparato militar da época, e fez bastante sucesso nos salões brasileiros, principalmente no Rio de Janeiro a partir de 1808. Depois desceu as escadarias do Palácio e caiu no gosto do povo, que modificou suas evoluções básicas, alterando inclusive a sua música. Ao longo do tempo a dança foi adaptada à cultura Nordestina e suas apresentações se popularizando nas festas juninas tornando-se apresentação principal do festejo.

Por ser uma festa de origem rural, durante muito tempo esse festejo tinha predominância na roça, onde os moradores da zona rural convidavam seus familiares e amigos, para o festejo junino em suas casas, onde ascendiam fogueiras, faziam comidas típicas, apresentações de quadrilhas e dançavam o tradicional forró. Ao longo da História quando o meio rural foi penetrando a cidade, esse festejo também passou a fazer parte das festas do espaço urbano, a exemplo de Campina Grande, cuja população deslocava-se da

cidade para comemorar o festejo na zona rural e a outra parte que ficava na cidade ia aos clubes ou aqueles de menor posse comemoravam o festejo em suas ruas, tal como coloca Lima (2008).

A cidade praticamente ficava vazia na véspera da noite de São João, pois quem podia dirigia-se ao espaço rural para passar a noite festejando o santo festeiro. E aqueles que permaneciam na cidade tinham por opção frequentar algum clube social, a exemplo do clube do Caçador, Ipiranga, Paulistano, Campinense, Clube 31 ou Gresse, onde comumente se programavam de dois a três bailes juninos, ou ainda para os menos abastados, outra alternativa era ficar na calçada da residência a admirar a fogueira sendo paulatinamente queimada ao som de fogos de artifícios lançados ao ar. (LIMA, 2008, P 32.).

Em Campina Grande na década de 1930 já existiam alguns locais que comemoravam as festas juninas além dos clubes, esses espaços eram distribuídos em alguns bairros, onde eram construídas palhoças com a presença de trios de forró que animavam a festa. Podendo citar nesse contexto Dona Mulata, que montava e organizava palhoça na cidade a partir de 1939, ela cobrava entradas para manter a organização e a segurança do local. A palhoça de Dona Mulata era a mais popular, no local realizavam-se grandes festas juninas e localizava-se na antiga Rua Dos Paus Grandes <sup>2</sup>(LIMA, 2008, p. 33).

Segundo Lima, entre os anos de 1938 a 1946, um conhecido comerciante, Wilson Raposo, armava palhoça como a de dona Mulata, sendo com mais requinte, contava com apresentação de Orquestra típica, desfile de carroças, fogueira, canjica, milho verde, entre outros atrativos. O festejo começou por volta de 1938 na Rua João Suassuna, com uma palhoça gigante que atraía muita gente, conforme se passava os anos, o evento foi atraindo mais e mais pessoas, de forma que não comportava mais tantas pessoas, daí Wilson Raposo resolveu alugar um armazém, que comportasse o número de frequentadores, resultando no São João mais popular da cidade.

Conforme a autora década de 1950 surgiu outra personagem do São João de Campina: Amenaide Santos, que ganhou destaque na organização da festa de São Pedro, feita na rua. Enquanto era comemorado nos clubes apenas o São João a porta fechada, Amenaide quis fazer diferente, estendendo o festejo e realizando a festa a céu aberto, restrita aos moradores da Rua Desembargador Trindade no centro da cidade, local de habitação de Amenaide e sua família. Esse fato deu início aos “festejos de fora”, onde as apresentações de

---

<sup>2</sup> localizada na feira central, na feira de peixe

quadrilhas e a festa aconteciam nas ruas, para se opor aos “festejos de Dentro” festejos juninos realizados em áreas fechadas, nos clubes sociais ou nas palhoças.

Com a iniciativa de Carmita Araújo, surge em 1971 o São João da rua da floresta, atual rua João Lourenço Porto, com apresentação de quadrilhas e a participação dos moradores que faziam fogueiras, comercializavam bebidas e comidas típicas, soltavam fogos, enfeitavam a rua com bandeirolas e animavam a festa ao som de músicas junina. A animação da festa atraía várias pessoas para o local, aumentando o número de frequentadores a cada ano, assim dava se inicio a mais um são João na Rua em Campina (LIMA, 2008, p. 36):

Com a iniciativa de apresentar as quadrilhas, deve se ressaltar o papel de Amenaide Santos responsável pela a organização e apresentação das quadrilhas na rua, posteriormente, Deá Cruz, organizadora da primeira quadrilha infantil, em 1964. Posteriormente na década de 70, outras quadrilhas vão sendo organizadas e apresentadas em várias ruas de Campina, nas ruas Ouro Branco e Getúlio Vargas. Pode-se dizer que a apresentação das quadrilhas foi o fato precursor de extrema importância para a dinâmica da festa junina em Campina, onde antes era restrita ao espaço rural, palhoças e clubes. A iniciativa do São João na rua chama atenção de outras instituições para levar o festejo junino para outros espaços; igreja, clubes de mães e outras instituições, Op.Cit.

No ano de 1976, sobre a gestão do prefeito Evaldo Cavalcante Cruz, o festejo junino passou a ter incentivo da prefeitura de Campina Grande. Através da ARC (Assessoria de Recreação e Cultura do Município) e da EMDEB (Empresa de Desenvolvimento Cultural da Paraíba) foi construído um espaço para a realização do evento junino, cuja responsabilidade pela organização, montagem e supervisão do lugar, foi da prefeitura. O local onde aconteceu de fato o primeiro festejo junino com apoio e incentivo da prefeitura foi no pátio da Estação Velha e no Parque do Açude Velho, próximo ao centro da cidade, nos locais haviam barracas de comidas típicas e um palco para apresentações de quadrilhas e artistas da terra. Depois dessa iniciativa, a prefeitura tentar unificar o evento atraindo os demais festejos que acontecia na cidade, para se concentrar em um lugar público (LIMA, 2008, p. 36):

Na gestão do prefeito Enivaldo Ribeiro 1977, a festa ganhou reforço na estrutura, aumentando o número de barracas de cinco para vinte, além de ampliar mais o espaço, que permaneceu no mesmo local, no pátio da Estação Velha e no Parque do Açude Velho, nessa nova fase houve maior exigência na organização do evento, desde os comerciantes que teriam que fazer cadastros e pagar taxas para estalar suas barracas, como também as

entidades que fossem promover apresentações de quadrilhas, as quais passariam a fazer cadastros para se encaixarem na programação do evento. Segundo nota do jornal da Paraíba:

O festejo Junino nessa cidade prometem ser dos mais animados pela forma como se vêm processando seus preparativos, esforços dentro do qual têm se engajado entidades públicas e privadas. Para tanto, no Parque da Estação Velha, a prefeitura municipal, através da EMDEB, armou um Arraial de São João, integrado por barracas e parque recreativo. (Jornal da Paraíba, 1977).

Naquele ano as principais atrações musicais a se apresentarem no palco foram Genival Lacerda, Jackson do Pandeiro, Zé Calisto e Trio Zé Lagoa. O festejo contava ainda, como atrativo, com campeonato de quadrilhas, casamento matuto, brincadeira de pau de sebo, entre outras. Ainda nesse ano a festa ganha um novo espaço para a realização dos festejos diurnos entre os dias 20 a 30 do mês de junho, enquanto à noite acontecia no pátio da Estação Velha de 12 a 29 de junho. Outra novidade foi a primeira “corrida da fogueira” com a participação de atletas profissionais e amadores disputando prêmio em dinheiro e troféu para aquele que concluísse o percurso da corrida (LIMA, 2008, p. 45):

Além do espaço do Parque da Estação Velha, da Ceasa e do Parque do Açude Novo, durante a gestão do prefeito Enivaldo Ribeiro, a prefeitura patrocinava o sistema de som e iluminação em varias ruas da cidade para apresentação de quadrilhas. O slogan da festa era “São João para todos”. Na oportunidade o prefeito e a primeira dama aproveitavam para marcar presença em todas as ruas que promoviam o festejo, o que fazia parte de uma estratégia política de contato direto com o povo. O que fica evidente em nota, o jornal da Paraíba.

A Secretaria de Educação e cultura do Município com o apoio do prefeito Enivaldo Ribeiro está fazendo esse ano o mais animado São João de rua dos últimos tempos, promovendo quadrilhas nos bairros campinenses, além do magnífico trabalho que está sendo executado na rede municipal de ensino, onde as professoras restauram as nossas tradições mais autênticas. (Jornal da Paraíba, 1981)

Diante da grande importância de manter a tradição das festas juninas e buscar expandir a cultura do Nordeste, o São João de Campina Grande foi ganhando espaço em meio aos festejos juninos da região. A cada ano era possível ver maior empenho de patrocinadores e da prefeitura buscando realizar uma festa melhor que superasse a do ano anterior,

resgatando a memória do São João da roça na população, e envolvendo o evento com fins políticos, sociais, culturais e econômicos.

A partir do ano de 1983, a prefeitura de Campina Grande passou a ser administrada pelo prefeito Ronaldo José da Cunha Lima, gestão que foi marcante na história do evento, marcando a passagem do antigo para o novo São João de Campina, foi ele o idealizador do Maior São João do Mundo. A festa se popularizou atraindo cada vez mais frequentadores moradores da cidade e turistas o que acarretou na evasão das festas juninas das ruas e dos clubes, levando as pessoas a se concentrarem cada vez mais no local do evento organizado pela prefeitura (LIMA, 2008, P. 50).

O período da festa foi estendido do dia 04 de junho até o dia 02 julho. Foi a primeira divulgação da imprensa falada e escrita sobre os visitantes e sobre a importância do evento para a economia da cidade. Nesse ano foram criadas as mascotes “Sabugildo e Milharilda”, suas imagens eram impressas em Folders e cartazes distribuídos e expostos como forma de divulgação do evento, como mostra a Figura 01.

Figura 01 – Primeiro folder de divulgação do Maior São João do Mundo 1983.



Fonte: Memorial Maior São João do Mundo

O evento foi se refinando ao longo dos anos de 1984 e 1985, tendo seu planejamento realizado pela Secretaria do Departamento de Cultura e Recreação do município, na ocasião é

construído o slogan “O Maior São João do Mundo” o que almejava o prefeito Ronaldo Cunha Lima, que já ressaltava em algumas de suas poesias: “Vendo assim minha gente, Feliz e toda contente, nasce um desejo profundo... De fazer em Campina O Maior São João do Mundo”. (LIMA, 2008, P. 53).

No ano de 1986 foi inaugurado o Parque do Povo, Figura 02, situado próximo ao Parque do Açude Novo, na área antes conhecida como “Coqueiros de Zé Rodrigues” com extensão de 25000 metros quadrados onde foi instalado o palhoção, a princípio, coberto com palhas de coco e folhas de bananeira, em um vasto terreno em terraplanagem, a exemplo do que aconteceu na gestão de Enivaldo Ribeiro (LIMA, 2008, p. 57).

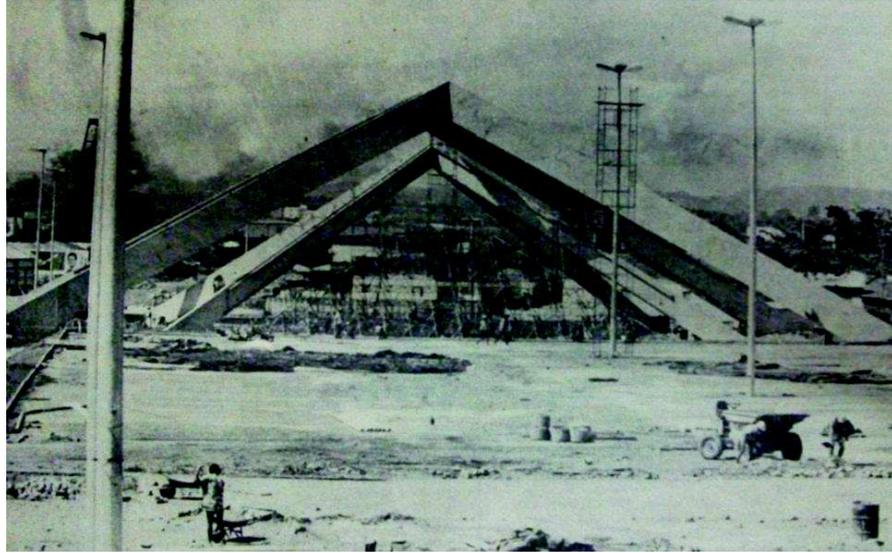
Figura 02: Inauguração do Parque do Povo em 1986.



Fonte: Memorial Maior São João do Mundo

No ano seguinte a área da festa é ampliada para 45000 metros quadrados, foi construído no local uma estrutura em forma de Pirâmide, Figura 03, que passou a ser chamado de “Forródromo” com área de 100 metros quadrados. No novo local do evento são instaladas 150 barracas com comércio de bebidas e comidas típicas, banheiros públicos, sala de administração da prefeitura e postos de serviço médico e emergência (LIMA, 2008, p. 57).

Figura 03: Construção da Pirâmide do parque do Povo em 1987.



Fonte: Memorial Maior São João do Mundo

O Parque do Povo teve aumento no número de barracas no ano de 1987, que passou a um total de 435. Outra invenção é a construção de 15 boxes para comercializar artesanatos local, com fins lucrativos para obras sociais, uma iniciativa da primeira dama, o que também servia para popularizar seu papel no contexto político. Em 1988 já na última gestão do prefeito Ronaldo Cunha Lima, o evento teve a duração de 36 dias, uma vez que era o último ano do seu mandato, o prefeito procurou acrescentar seis dias para agradar aos forrozeiros.

Durante os anos de 1989 a 1992, na gestão do novo prefeito Cássio Cunha Lima, foi criada uma comissão permanente para cuidar do evento durante o ano todo, composta por representantes do Departamento de Turismo e Recreação, da Secretaria de Educação e Serviços Urbanos. Essa comissão ficara responsável pela organização não apenas do espaço do Parque do Povo, mas em “climatizar” a cidade, decorando-a a caráter como receptora de um grande evento junino (LIMA, 2008, p. 64 ).

No Parque do Povo as ruas ganharam nomes de comidas típicas: rua do Angu, da Pamonha, da Canjica, do Milho; buscando associar o espaço do evento aos tradicionais produtos da roça. Foi introduzido no local do evento como atrativos brincadeiras infantis como quebra panela e pau de sebo, a fim de direcionar o evento para todo tipo de público. Também foi criado no evento durante a gestão do prefeito Cássio Cunha Lima, em 1989 o museu do Maior São João do Mundo, situado ao largo da Estação Velha, expondo elementos e símbolos da cultura nordestina. Em 1990 surge como grande atração do evento a primeira

Orquestra “ Sanfônica” de Campina Grande, regida pelo maestro Edmar Miguel, composta por 18 sanfoneiros, Figura 04.

Figura 04: Orquestra sanfônica de Campina Grande em 1990.



Fonte: Memorial do Maior São João do Mundo.

No ano de 1994 sob a gestão do prefeito Félix Araújo, o lema do evento agora foi “Inovar para melhor”. Tendo o evento ganhado espaço na mídia como a maior festa junina do Nordeste, o evento atraiu turistas de todas as regiões, principalmente da região Sudeste visto que o mês de junho é comum a Cidade receber visitantes. A grandeza do evento durante o mês do festejo gerou altos lucros para o comércio da cidade, o setor hoteleiro, os restaurantes, as casa de shows, entre outros setores, o que resultou na motivação de grandes investimentos e na preocupação de inovar a cada ano (LIMA, 2008, p.76 ).:

Para proporcionar as novas mudanças no cenário do Maior São João do Mundo, a prefeitura contratou a empresa “Salvador Tolds” de Salvador-BA, as barracas passam a ser padronizadas com coberturas em forma de Pirâmide, decoradas com as cores da bandeira do Brasil, por ocasião da copa do mundo que aconteceu naquele ano. No de 1995 a novidade inserida no evento foi a cidade cenográfica, réplicas de prédios históricos da cidade foram montados no local do evento, resgatando parte da História de Campina. Segundo o jornal da Paraíba:

A ideia de fazer reprodução de alguns prédios históricos da cidade no Arraial Hilton Motta, em Campina Grande, não foi só um fato de inovação e beleza, mas também conseguiu equilibrar todo Parque do Povo durante as festividades do Maior São João do Mundo, já que antes havia uma certa discriminação com a parte de baixo do Parque, que inclusive era chamada de xerém. Ao contrário do que aconteceu em anos

anteriores, hoje a parte de baixo é mais procurada e frequentada por campinenses e turistas exatamente por um motivo específico: a existência da cidade cenográfica. Reproduzindo com riqueza de detalhes os prédios da Câmara Municipal, Catedral, Cassino Eldorado, Telégrafo Nacional e a Fruteira de Cristino Pimentel, a cidade se constitui numa das maiores atrações, não só pelo fato de mostrar o passado para quem vive no presente, mas também por resgatar a memória campinense.( Jornal da Paraíba, 1995.).

Outra inovação nesse ano foi o projeto “Arraial na periferia”, uma iniciativa da prefeitura de realizar em alguns bairros periféricos de Campina festejos juninos, com apresentação de quadrilhas e trios de forró para animação da festa. O arraial nos bairros aconteceria nos dias 23, 24 e 29 de junho, dias de maior festejo, isso excluiriam a população da periferia do Parque do Povo nos dias principais da festa. Conforme Lima:

Trata-se de um subliminar intento de excluir, na medida do possível, o campinense de baixo poder aquisitivo de frequentar os espaços do Parque do Povo, particularmente nos dias considerados de maior importância no calendário junino, os dias 23, 24, 28 e 29 (véspera e dia de São João e véspera e dia de São Pedro, respectivamente), oportunidade em que a cidade recebe o maior número de turistas(LIMA, 2008, P.84 ).

Assim como os anos anteriores 1996 também é marcado por várias mudanças no local do evento, uma delas foi a ampliação da cidade cenográfica, que passou a contar com 34 réplicas de prédios e a mudança na localidade do palco principal. Apesar das mudanças decorrentes gerarem algumas insatisfações, principalmente para os comerciantes do evento, era uma estratégia de inovar a cada ano e ter sempre novidades para que os turistas e os campinenses criassem sempre a expectativa de prestigiar o evento no próximo ano.

No ano de 1997, o prefeito voltou a ser Cássio Cunha Lima, que trouxe como lema para o Maior São João do Mundo “resgatar as origens da festa junina na cidade”, a decoração do espaço ganhou elementos e cores mais voltadas ao festejo junino, a estrutura das barracas voltou a ser de madeira, assemelhando-se mais às réplicas da roça. Outra novidade desse ano foi à rua da Imprensa, na qual jornalistas e repórteres ganharam um espaço exclusivo para fazer a cobertura do evento, onde várias emissoras transmitiam ao vivo as notícias direto da festa, foi lançado também um novo espaço para os forrozeiros, as “ilhas do forró” que tem como atração apresentação de trios de forró, que anima a festa tocando o tradicional forró pé de serra. O evento ganhou duas ilhas denominadas de “Forró de Zé Bezerra” e “Forró de Zé Lagoa” (LIMA, 2008, p. 83-84).

Nesse mesmo ano foi instalado na feira da Prata um pavilhão com shows de forró e apresentações de quadrilhas, que acontecia na madrugada do sábado para o domingo. O “forró da Vila da Pororoca” realizado nas quartas feira na Rua da Pororoca localizada no centro da cidade, também foi sinônimo de inovação. Essas seriam opções de atrativo para turistas, o que também caracterizou ainda mais a cidade como a capital do forró, reforçando a identidade do turismo de Campina.

No ano de 1998, o palco principal novamente foi deslocado, concentrando-se próximo à cidade cenográfica, no mesmo ano foi criada mais duas ilhas do forró, “Forró do Seu Vavá” e “Forró de Zé Pacheco”. Nesse ano com a intenção de incentivar lojistas e moradores a investirem na decoração junina, a prefeitura abriu o primeiro concurso da casa, rua ou vitrine mais ornamentada, promovendo aos ganhadores premiação em dinheiro. Outra inovação foi o “Sítio São João” um espaço montado com objetos e mobílias semelhante a uma casa da roça, o que trouxe para o evento uma maior representação do espaço rural nordestino. O sítio atraiu visitantes que queriam conhecer o cenário rústico de um pedaço do interior do Nordeste, o que passou a ser o cartão postal do evento. Segundo Lima

O “Sítio São João” é um emblema do espaço rural que se transforma em alegoria no espaço urbano. Na justaposição desses dois espaços a festa do “Maior São João do Mundo” adquire sua plenitude fantasmagórica por meio da recriação, apropriação e conservação da tradição de um espaço “diferente” construído para o sonho e para a fantasia (LIMA, 2008, p.92).

As mudanças ocorridas no cenário da festa em 1999 aconteceram na cidade cenográfica, que passou a ser substituída por novas imagens, a Catedral e o Cassino Eldorado, esse servindo de camarote para as autoridades da cidade assistirem aos shows. Outra mudança foi a transferência do tablado, local de apresentação das quadrilhas, que foi transferido do arraial Hilton Motta para proximidade da fogueira cenográfica. “Nesse ano o evento ganhou mais um espaço importante, a casa do cantador uma espécie de museu, com acervo de discos, cordéis e poesias, ligados a cultura nordestina, o local também servia de encontro de escritores, repentistas e músicos da terra” (LIMA, 2008, p.93).

Outra novidade que aconteceu neste mesmo ano, foi o espaço criado com a intenção de inserir o sagrado no contexto do evento, que seria o encontro de párocos de várias paróquias da cidade, reunidos na Pirâmide do Parque do Povo no dia 24 de Junho para fazer uma reflexão da história dos santos celebrados pela Igreja Católica durante o mês que de junho. Para reforçar a programação religiosa foi realizado no dia 13 de junho, dia de Santo

Antônio, o casamento coletivo, em frente a replica da Catedral, diante do juiz Jairo Queiroz de Albuquerque, foi oficializando 26 casamentos. Esse acontecimento repercutiu em nível nacional, sendo televisionado no programa do Faustão na Rede Globo, Figura 05.

Figura 05: casamento coletivo no parque do Povo em 1999.



Fonte: Memorial Maior São João do Mundo

No ano de 2001, o evento ganhou maior característica de festa da roça, quando a cidade vivendo o racionamento de energia elétrica, a prefeitura exigiu que todas as barracas utilizassem candeieiros para iluminação do estabelecimento, reduzindo assim o consumo da energia. Tal fato deu ao evento um diferencial positivo aos anos anteriores, assemelhando ainda mais o ambiente as festas juninas do passado.

No decorrer das transformações ocorridas na estrutura do evento, é perceptível que essas mudanças estão relacionadas à política da cidade, na intenção do novo gestor fazer um evento melhor e mais bonito que o antecessor, além de buscar novos atrativos para atrair turistas, uma vez que o evento é para a cidade de extrema importância para o setor de turismo e para o comércio local.

Na gestão do prefeito Veneziano Vital do Rêgo, ao logo dos seus oito anos de mandato, a estrutura do evento recebeu algumas modificações e ganhou novos elementos que enriquecem o evento. Em 2006 a novidade foi as apresentações das quadrilhas na Pirâmide, antes apresentadas no tablado. Essa mudança buscou ressignificar a imagem da Pirâmide que passou a ser vista como local de apresentações importantes do evento, das quadrilhas, que disputam títulos em importantes festivais do Nordeste. Nesse mesmo ano, as ruas entre as barracas ficaram mais largas e ganharam novos nomes, em homenagem as antigas Ruas de

Campina Grande, rua da Matriz, (hoje Floriano Peixoto); rua Grande, (atual Maciel Pinheiro.) As barracas e a Pirâmide foram decoradas com as cores da bandeira do Brasil em homenagem a copa do mundo que aconteceu naquele ano.

Em 2007, o Maior São João do Mundo ganhou mais uma atração para a população local e o turista, um espaço extra, instalado no Parque do Açude Novo, o Centro de Arte e Cultura do Nordeste, em homenagem à cantora Marinês, que morreu no mesmo ano. O espaço se assemelhava a uma vila do interior, com casas de barro, objetos da nossa cultura, apresentação de músicas regionais, bodegas com produtos da terra e um espaço dedicado a mostrar a trajetória artística da cantora. A intenção de ter construído esse novo espaço, foi também para concorrer com sítio São João, “cartão postal do evento”, que já havia sido desmembrado do Parque do Povo, e concentrava se no bairro do Alto Branco, na Rua Manoel Tavares.

Além dos espaços agregados ao evento e das modificações na estrutura, durante a gestão do prefeito Veneziano Vital do Rêgo, houve algumas reformas nas estruturas antigas, a exemplo da Pirâmide que em 2008 foi interditada, por ordem do Ministério Público, que alegava estar a estrutura metálica responsável pela sua cobertura, prestes a cair. No início de 2009 começou o trabalho de restauração da Pirâmide, o espaço contou com novo sistema de cobertura e com novas cores na estrutura metálica, branca e vermelho telha, renovando as cores das vigas de concreto.

No ano de 2012, o Parque do Povo foi revitalizado por completo, tendo o espaço ganhado melhoramento no sistema de drenagem e os banheiros públicos foram reformados e ampliados. Outra novidade do evento neste ano foi à casa do Gonzagão, uma espécie de museu, aberto ao público para relembrar a trajetória do “Rei do Baião”, através de imagens, discos de carreiras, recortes que contavam a história e objetos que lembravam a pessoa de Luiz Gonzaga, a casa fechada era uma réplica da casa onde viveu o Rei do baião, que difundiu a música e a cultura do povo nordestino para o Brasil e o mundo. A estrutura foi montada para homenagear o centenário de Luiz Gonzaga comemorado no referendo ano.

Sobre a gestão do novo prefeito Romero Rodrigues, em 2013, a estrutura do evento passou por novas mudanças. O palco principal, antes localizado abaixo da Pirâmide e próximo a réplica da catedral, passou a se situar acima da Pirâmide, próximo a antiga garrafa do caranguejo, local que por décadas foi ponto de referência para encontros. Com essas mudanças na estrutura do espaço, a parte abaixo da Pirâmide que antes era frequentada por

um público de baixa renda, passa a ser frequentada naquele momento pela elite campinense. Ver mapa dessa nova estrutura na página 27.

A Catedral é também deslocada para parte mais acima, diferenciando dos nos anteriores que tinha apenas sua estrutura de madeira como réplica, passou então a ser aberta ao público, tendo compartimentos internos, possibilitando aos frequentadores conhecer um pouco da história da igreja e dos santos celebrados no mês de junho. Estratégia usada para reforçar o contexto do sagrado dentro da festa profana. Também novas atrações foram introduzidas, shows de humor que acontecia durante as quintas-feiras em um palco montado em frente ao bar do Cuscuz<sup>3</sup>. Novos patrocinadores do evento criam espaço para brincadeiras com distribuição de brindes, dinamizando ainda mais a festa.

Nesse ano é observado a desterritorialização de alguns espaços do Parque do Povo, a exemplo da barraca da Pomba Voo, que era tradicional ponto de encontro de homoafetivos, e a réplica da Catedral quando antes localizada próximo ao palco principal, concentrava um público da elite de intelectuais; professores universitários, poetas, estudantes e artistas plásticos. Uma vez que a catedral foi deslocada para outra área do Parque do povo, não, mas se observa a concentração desse público em um mesmo espaço, esses frequentam agora espaços distintos.

Em 2014, ano de realização da pesquisa, houve poucas mudanças, em relação ao ano anterior a estrutura praticamente permaneceu a mesma. A novidade daquele ano foi o espaço da Vila da Pororoca, introduzida no evento com a iniciativa do SESC, que deu a população e ao turista mais um espaço de referência da História de Campina Grande. Outra novidade foi a réplica do Cassino Eldorado que passou a ser a estrutura do bar do Cuscuz, naquele ano a maioria das atrações a se apresentarem no palco principal passou a ser artistas da terra e para reforçar a presença do sagrado na festa assim como no ano anterior no palco principal se apresentava durante as segundas-feiras atrações religiosas.

As mudanças ocorridas no espaço do Maior São João do Mundo, fazem desse evento uma festa diferenciada. Sendo as novidades inseridas no evento ao longo do tempo um atrativo ao público para mostrar o potencial que a cidade tem em realizar uma festa tradicional e ao mesmo tempo inovando-se a cada ano, trazendo para cidade de Campina Grande o

---

<sup>3</sup> restaurante conceituado em servir a melhor culinária regional, Frequentado pela classe alta e média da cidade, localizado no Açude Velho.

reconhecimento nacional de promover o maior festejo junino e difundir a cultura nordestina para todo mundo.

A festa atrai o público de todas as idades e diferentes classes sociais, isso é possível uma vez que existe no evento uma diversidade de atrações e um espaço dinâmico que busca atender o mais variado público. Hoje o evento que foi idealizado pelo Prefeito Ronaldo Cunha Lima na década de 1980, continua se modernizando embora tentando manter a essência da festa junina, que ainda mantém viva as tradições da cultura do Nordeste através das homenagens aos santos: Santo Antonio, São João e São Pedro.

## II. A SEGREGAÇÃO SOCIAL PRESENTE NO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO

Nos últimos anos o termo segregação, vem sendo usado frequentemente em nosso vocabulário, desde que entendido com fenômeno responsável por separar pessoas em virtude de fatores como: raça, poder aquisitivo, religião, educação, etnia, nacionalidade ou qualquer outro fator que se assemelhe a ideia de separação.

Na sociedade capitalista, a desigualdade socioeconômica é motivo de segregação entre as classes sociais, responsável por excluir pessoas de baixo poder aquisitivo de privilégios dados para classe abastarda como ter direito a educação de qualidade, segurança, habitação adequada, desenvolver práticas de esportivas e culturais e até ter direito a melhores espaços de lazer.

Em qualquer lugar a ser frequentado por grande número de pessoas, seja espaços público ou privado, se faz presente a segregação social. As festas privadas, por exemplo, têm seus espaços divididos por áreas denominados por: Camarote, Pista e área VIP, que busca agrupar as classes alta, baixa e média em lugares exclusivos de acordo com seu perfil sócio econômico.

Assim como nas festas privadas, nos espaços das festas públicas existe a presença da segregação, como exemplo temos o fenômeno da camarotização, neologismo que faz referência aos camarotes, espaço reservado para que políticos, patrocinadores e empresários possam assistir aos shows de forma privilegiada. O termo camarotização vem ganhado destaque com maior influência de segregação social dentro dos eventos festivos que acontecem em todo Brasil, tanto que foi tema da redação do vestibular da FUVEST em 2014.

Também no Maior São João do Mundo, durante o Mês de junho, na cidade de Campina Grande, a camarotização se faz presente, beneficiando pessoas influentes da sociedade campinense, políticos, patrocinadores, empresário e pessoas vinculadas, oferecendo-lhes um espaço privilegiado, com conforto, comodidade e segurança, para que possam assistir aos shows em um local elitizado, separados de pessoas de poder aquisitivo inferior. O fenômeno da camarotização vem ocorrendo em vários eventos brasileiros a exemplo do carnaval da Bahia, e outras festas de rua tradicionais do nosso país.

Além dos camarotes existem lugares dentro do espaço da festa que são ocupados por diferentes classes sociais, isso mostra que apesar do Maior São João do Mundo ser uma festa para todas as pessoas, existem no local do evento áreas limitadas para serem frequentadas por

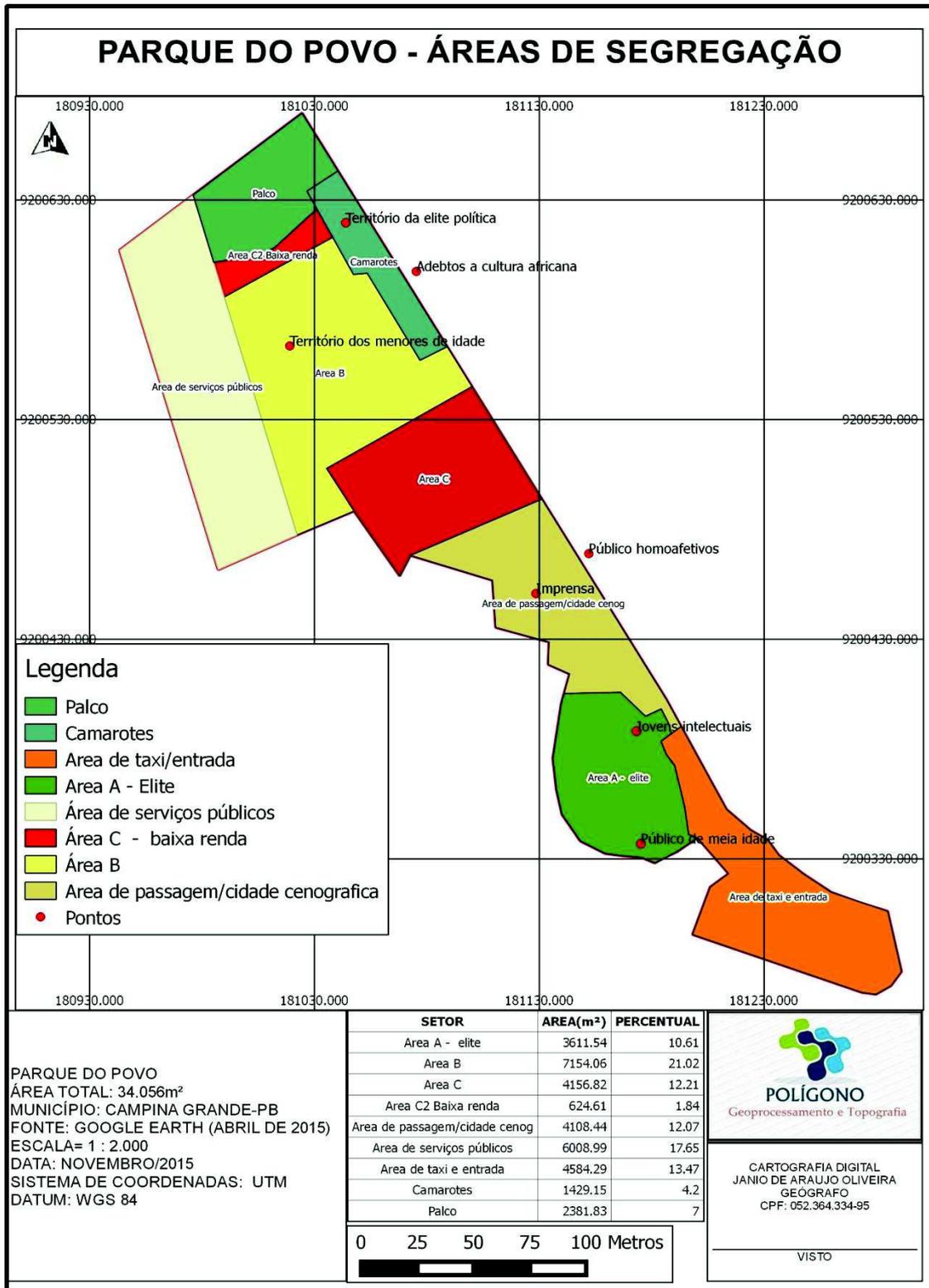
um determinado público, o que caracteriza a segregação social existente dentro do contexto da festa.

Em 1986, Lima destacou três áreas estratificadas no Maior São João do mundo, usando como critério o padrão das barracas, distribuídas no parque no Parque do Povo, dividido por setores de acordo com perfil econômico dos comerciantes e frequentadores, classificando em setor **A** barracas de tamanho grande e médio, setor **B** barracas de tamanho médio e pequeno destinadas a comerciantes de alto poder aquisitivo, barracas do setor **C** de tamanho médio e pequeno destinada a comerciantes de baixo poder aquisitivo, .

Setor **A** é à disposição das barracas de tamanho grande e médio, destinado aos grandes restaurantes da cidade e dos barraqueiros de alto poder aquisitivo; também denominadas de pavilhão, localiza-se na parte superior do Parque, a qual é batizada de Portal de São João, e costuma ser frequentada pelas classes mais abastadas (...) As barracas no setor **B**, por sua vez, são de tamanhos médio e pequeno, destinada a barraqueiros de bom poder aquisitivo, com comerciantes, funcionários públicos e encontram-se localizadas na parte central do Parque, cujo público geralmente é oriundo da classe média. E finalmente a classe **C**, são as barracas de tamanho médio e pequeno e destinada particularmente a barraqueiros de baixo poder aquisitivo e cujo frequentadores também são de mesmo padrão (LIMA, 2008. p.58- 59.).

Conforme as observações feitas durante a pesquisa de campo, para melhor entender com é atualmente a ocupação no Parque do Povo, foi dividido o espaço do parque de acordo com perfil econômico dos frequentadores. Na área **A** o público que se concentra no local é a classe alta, turistas e a elite campinense. A área **B** concentra um público de classe média e a área **C** é frequentada por pessoas de menor poder aquisitivo e que geralmente pertencem às periferias da cidade. A figura 6 retrata a divisão do parque do povo, de acordo com perfil econômico dos seus frequentadores.

Figura 06: mapa das áreas segregadas e principais territórios.



Fonte: Janio de Araujo Oliveira, 2014.

Ao longo dos anos, determinados espaços do Parque do Povo, ficaram conhecidos de acordo com as características das pessoas que frequentam, a exemplo da Pirâmide, o “Xerém” que concentra um público das pessoas mais humildes das periferias da cidade. Esse espaço vem sendo ocupado tradicionalmente por esse público e ao longo dos anos tem sido visto pela alta classe da sociedade, como um espaço marginalizado, reservado para a classe menos favorecida, que prestigiam o evento.

As apresentações das quadrilhas na Pirâmide são prestigiadas pelo mais variado público, de todas as classes sociais. Porém quem permanece no local, no “Xerém”, para dançar até altas horas é o seu público tradicional, pessoas de baixo poder aquisitivo, que tem esse espaço delimitado como seu território. O público que frequenta a Pirâmide pode ser visualizado através da Figura 07.

Figuras 07: imagens da Pirâmide do Parque do Povo, área C.



Fonte: Aline Batista, 13 de junho de 2014.

Outros espaços do Parque do Povo apesar de não terem territorialidade fixas como a Pirâmide, são organizados para receberem determinados públicos, embora sejam espaços mutantes, ao longo do tempo, essa mudança é apenas de localidade, mais o público que o frequenta é sempre o mesmo, pois esse espaço busca atrair a classe alta. Esse é o território da elite campinense. Fácil de identificar, pois concentra os melhores restaurantes e bares da cidade, tem a melhor estrutura que outras áreas do Parque do Povo.

Nessa área elitizada é perceptível o alto padrão econômico dos frequentadores, desde suas vestes de grife a bebida e comida que consomem, é justamente pelo alto custo do que se é comercializado nesse ambiente que é frequentado por pessoas da classe alta. Pessoas de classe inferior até circulam por esse território, mais não se fixam para consumir,

nem se reunirem com grupo de amigos nos restaurantes, enquanto prestigiam o evento. A permanente concentração do público de classe alta no local faz desse espaço o seu território, excluindo pessoas de classe social inferior, induzindo-as a frequentar outros espaços do Parque do Povo que estejam de acordo com seu perfil socioeconômico. Essa área fica localizada no arraial de Marinez, local que chamamos de área **A**, conforme o cartograma da página 27.

Para atender as necessidades do público de menor poder aquisitivo, o evento dispõe de espaços onde o comércio está de acordo com as suas condições financeiras. Nesse local é possível encontrar uma diversidade de pequenas “barracas” que dispõe de vários tipos de alimentos a preço acessível; espetinhos, caldinhos, cachorro quente, xurus, crepes, além das tradicionais barracas de cachorro quente e caip-frutas; ainda nesse espaço é possível encontrar os vendedores ambulantes que vendem milho verde, pipoca, algodão doce e bebidas variadas. Para atender ao público de classe média o evento dispõe de “barracas” de médio porte, ou seja dos restaurantes e bares que oferecem um cardápio de valor acessível para esse público, também é possível encontrar comércio de artesanatos como é destacada a presença dos hippies vendendo seus artigos. Esses espaços frequentados pela classe média podem identifica-  
lô dentro do cartograma como área **B**. As Figuras 08, 09 e 10 mostram o comércio de vendedores ambulantes e as “barracas” de pequeno e médio porte dentro do evento.

Figura 08: comércio ambulante dos Hobbies, área B.



Fonte: Aline Batista, 13 de junho de 2014.

Figura 09: quiosques de espetinho e Cap-frutas próximo a pirâmide.



Fonte: Aline Batista, 13 de junho de 2014.

Figura 10: restaurantes de pequeno porte próximo ao palco principal.



Fonte: Aline Batista, 13 de junho de 2014.

Os frequentadores do evento circulam por todos os espaços da festa, mas se posicionam nos locais que consideram adequados ao seu padrão econômico e perfil cultural, resultando em uma segregação. Essa divisão de classes dentro do evento é perceptível pelos frequentadores da festa, que responderam ao questionário lançado durante a pesquisa de campo, em junho de 2014. Dos entrevistados que frequentam o evento há muitos anos, 87% concordam com a notória existência dos territórios de segregação social no maior São João do Mundo. Como mostra a Figura 11, representada pelo gráfico, resultado da pesquisa de campo.

Figura. 11: gráfico representa a existência da segregação social no evento.



Fonte: Aline Batista / questionário de pesquisa de campo.

É possível analisar a separação das classes sociais desde os primórdios do evento. Em 1995, as classes menos favoráveis permaneciam na Pirâmide e em ilhas de forró instaladas na proximidade, deixando a parte superior do Parque do Povo para ser frequentada pela elite dividindo assim a parte superior para classe alta e parte inferior para população de baixa renda. Segundo Lima:

A parte superior do Parque, onde está situado o palco principal para apresentação das mais importantes atrações musicais e montadas as grandes barracas- pavilhões administrados por grandes restaurantes da cidade continua a ser ocupado pela elite; a parte mais central, já próximo a Pirâmide-“Forródromo” bem como a parte imediatamente atrás desta, é ocupada pelas classes de baixo poder aquisitivo, (...). (LIMA 2008, pag.80).

As mudanças na estrutura da organização do Parque ocorrem de acordo com a mudança da administração municipal. No ano da realização da pesquisa em 2014 sobre a gestão do prefeito Romero Rodrigues, a estrutura do evento passa por novas mudanças; o palco principal antes localizado a leste da Pirâmide próximo a cidade cenográfica e a Catedral, passa a localizar-se a oeste da Pirâmide, invertendo desse modo a estrutura do espaço, ou seja, a parte a leste da Pirâmide que antes era frequentada por uma população de baixo poder aquisitivo passa a ser frequentada agora pela elite campinense, conforme a figura 6, a área A devido a seus atrativos, os restaurantes e bares de renome na cidade, contam com certos privilégios que a organização do evento oferece; exemplo das atrações da palhoça

localizada na frente do Bar do Cuscuz, que tem como atração bandas de forró mais estruturadas, que as das palhoças de outras localidades do Parque. Nas Figuras 12 e 13, atrações que se apresentam na palhoça em frente ao bar do Cuscuz, e nas demais palhoças em outras áreas do Parque do Povo.

Figura 12 : Banda de forró se apresentando em palhoça de frente ao bar do Cuscuz.



Fonte: Aline Batista, 13 de junho de 2014.

Figura 13: apresentação de trio de forró na palhoça Zé Lagoa (Área B)



Fonte: Aline Batista, 13 de junho de 2014.

Conforme é estruturado o Parque do Povo, é possível identificar a influencia que a organização do evento tem em dividir o espaço da festa em partes, contribuindo com a formação dos territórios de segregação social. A cidade cenográfica fica situada estrategicamente em uma parte central do Parque do Povo, lá estão os portais dos arraiais que divide o espaço da festa, o Arraial Marinez e o Arraial Hilton Mota, este tem como seu público a camada mais popular, aquele é frequentado pela elite, Figura 14.

Figuras 14: Cidade cenográfica entre arraial Marinez e Hilton Mota.



Fonte: Aline Batista, 20 de Junho de 2014.

A organização do evento influencia na concentração das pessoas em diferentes espaços do Parque, contribuindo para que esse fenômeno aconteça, buscando favorecer uma determinada classe para que ela se sinta privilegiada e segregada, do que poderá lhe trazer transtornos e insegurança. Enfim a segregação social existe nesse contexto, apresentando aspectos negativos para as classes menos favorecidas, marginalizando e rotulando suas condições inferiores, como risco para a segurança da elite. O que resulta na fragmentação dos espaços dentro do evento em áreas marginalizadas que apresentam pontos desfavoráveis para o evento. Isso contribui para um descrédito público das áreas referidas e afasta da festa tanto o turista quanto aquele que não tem condição de frequentar áreas mais elitizadas, a qual passa a ideia de melhor segurança.

Diante da situação pode-se dizer que no local onde acontece o evento todos podem circular, porém existem espaços para em frequentados por determinados público, pois a festa não é feita para o povo, mas para uma determinada camada da sociedade, buscando atender

aos seus interesses. Segundo os entrevistados, a organização do evento contribui com a territorialização dos espaços no interior do Parque do Povo. Esses confirmaram identificar que ao longo dos anos o evento vem se elitizando cada vez mais, deixando claro a existência da segregação social no Maior São João do Mundo.

### III. OS TERRITÓRIOS EXISTENTES NO PARQUE DO POVO.

Desde a antiguidade os governantes procuram organizar a sociedade em um espaço delimitado e administrado por representantes políticos do povo. O império Romano procurou defender suas fronteiras de povos “bárbaro”, elaborando a noção política de fronteira, com o “limes”, uma linha demarcatória dos limites do império. Durante a Idade Média, o espaço não unificado geograficamente, encontrava-se fragmentado em um mosaico, onde cada rei era responsável pela administração do seu feudo, delimitando seu espaço com base nas suas leis e defendendo o espaço com seu exército, contra invasões de povos de outras regiões. O poder político nessa época não era territorial, mas pessoal.

O estado territorial originou-se na Europa do renascimento. Quando o poder político foi unificado pelas monarquias, ganhou uma base geográfica definida. O estado territorial correspondeu a monarquia absolutista, todos que nele habitavam deviam ao monarca obediência e lealdade. Apenas em 1789 com a revolução Francesa a burguesia reivindicou contra o poder absoluto do Monarca, assinalando um momento chave de transformação do estado territorial absolutista em estado nacional. Desde então na idade contemporânea a noção de território está diretamente ligada ao poder estatal, no Brasil designa ser uma área que é administrada pela União.

Em função do seu significado etimológico e da tradição jurídica romana, o conceito de território ao longo do tempo se relaciona a idéia de limites, fronteira. Na concepção da tradicional Geografia Política, a idéia de território além de demarcar limites territoriais e suas fronteiras, está associada ao poder estatal. Esse conceito não foi exclusividade da Geografia Clássica, Política, mas conceituada e defendida por muitos geógrafos ao longo do tempo.

Apesar de a Geografia manter o conceito de território relacionado à idéia de limites, administração política e fronteira, alguns geógrafos defendem que a sociedade também é responsável por delimitar territórios, e uma coletividade pode tomar o espaço que ocupam ou praticar atividades frequentes em uma área pertencente ao grupo. Raffestin (1988), define a territorialidade humana a busca de viver em uma coletividade, uma vez que terá um conjunto de relações afins, para que se torne um grupo compatível a ocupar uma determinada área.

A identificação da categoria território no presente trabalho busca fazer uma análise, de como a Geografia reconhece esse espaço habitado, quais são os conceitos necessários para essa denominação e o que se pode classificar como territórios. Desde o século passado geógrafo como Ratzel, preocupava-se com o papel desempenhado pelo Estado, no controle do

território, como também Elisée Reclus que procurou estabelecer relações entre as classes sociais e o espaço dominado.

Para fazer uma breve análise dos primordiais conceitos de território, toma-se como referência Andrade, 2004, que enfoca os princípios da categoria de território e a questão territorial do Brasil. O autor analisa o processo de ocupação dos territórios brasileiro, relacionando a sociedade como responsável pela a ocupação desses territórios. Conforme afirma Andrade:

Admitamos que a questão territorialidade, passa a vim a ser encarada tanto como o que se encontra no território estando sujeito a sua gestão, como ao mesmo tempo, o processo subjetivo de conscientização da população de fazer parte de um território, de entregar-se a um Estado. (ANDRADE, Op.Cit, p. 20).

O geógrafo Coelho Neto (2013), aborda o conceito de território da Geografia Clássica e Moderna, apresentando teoria como Raffestin (1988) e Rogério Haesbaert (2004) defendendo que a sociedade também é responsável por delimitar territórios, ocupar e praticar atividades frequentes em uma área pertencente ao grupo, identificando como o seu lugar.

Para melhor compreender a questão da territorialidade existente no Maior São João do Mundo, uma vez observado que a formação dos territórios no evento está relacionada a questão social, é necessário utilizar como fundamentação a teoria de Rogério Haesbaer, sobre multiterritorialidade, relacionada ao processo de desterritorialização e (re) territorialização, tema que aborda como se constitui os territórios que são formados por diversos fatores sociais e não está relacionado apenas a primordial teoria da lógica estatal ou ao controle das áreas delimitadas por fronteiras.

No artigo, (2014) “Dos múltiplos territórios à multiploterritorialidade” de Haesbaer, mostra haver a relação de dois tipos de poder que existe no conceito de território, o poder político e o poder mais simbólico a apropriação. Para ele ao se apropriar de parcela do espaço o sujeito estabelece uma relação de pertencimento que nem sempre está relacionada ao poder ‘jurídico político’ é o que resulta na criação dos múltiplos territórios, em qualquer espaço. Conforme o autor:

O processo de denominação e/ou de apropriação, o território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações - que é também sobretudo, multiplicidade de poderes, neles incorporados, através de múltiplos agentes/ sujeitos envolvidos. Assim devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, seja eles indivíduos, grupos sociais, o estado, instituições como igreja etc. (HAESBAERT, 2004. p. 03).

É atribuído a Sack (1986), uma valiosa contribuição em dar novos conceitos ao território que não seja apenas a referência exclusiva de estado nação, espaço imutável e fixo. Afirmando que um lugar pode ser território em um momento e não ser em outro e pode passar a existir em um lugar onde não existia antes, portanto o território pode mover-se modificar-se. Para Haesbaert (2004) o território pode modificar-se com grupos sociais em seus contextos geográficos e históricos.

Entre esses, outros autores nos sugerem refletir o território como um espaço dinâmico influenciado pela sociedade. Os novos conceitos de territórios nos leva a enxergar novos espaços territorialidades que não esteja conceituado apenas a questões políticas, nação estatal e fronteiras, isso nos leva a analisar novos espaços em nosso país, estado e cidade, na qual fazendo recortes é possível identificar vários territórios existentes; a exemplo de uma área de lazer, um espaço comercial, uma instituição e até mesmo em um evento festivo, a exemplo do que acontece no Maior São João do Mundo, na cidade de Campina Grande, espaço que abriga diferentes territórios, o que chamou atenção para realização desse Estudo.

Além desses autores toma-se como referência neste Trabalho a obra de Lima, (2008) “A fábrica dos Sonhos”, relatando a história das primeiras festas juninas que acontecia na cidade, nas ruas e nos clubes, a história do Maior São João do Mundo, como foi o processo da evolução do evento ao longo dos anos, a influência política, as mudanças na estrutura do Parque do Povo e a contribuição que o evento trás para a economia da cidade.

A obra de Lima também aborda a questão segregação social, que se faz presente desde os primórdios do evento e como tem evoluído ao longo dos anos. A autora também faz referencia aos territórios existentes e a desterritorialização, de pontos de encontro que ela menciona ter sido de grande importância para a história do evento. Em sua obra Lima faz referência a um importante território que foi desarticulado do Parque do Povo.

O que se observa com a inauguração da “cidade cinematográfica” é que de fato, ela permite a criação de novos espaços referenciais para festa; uma nova territorialidade é construída. Passando a fase de conhecimento e reconhecimento do novo espaço pelos festeiros indistintamente, esse passa a ser preferencialmente, lugar de encontro de intelectuais da cidade, isto é, as mesas dispostas ao longo da nova espacialidade são, em sua grande maioria, ocupadas por professores universitários, poetas, músicos, artistas plásticos, alunos engajados em “movimentos estudantis” etc. (Lima, 2008, pág.79)

Durante o evento do Maior São João do Mundo, foi possível identificar que as pessoas se agrupam e ocupam espaços diferentes no local da festa, de acordo com seu perfil

sócio econômico e cultural. Esses espaços vêm sendo ocupados de forma tradicional, ao longo dos anos pelo mesmo público, mesmo que haja alterações na organização do Parque do Povo, sejam deslocados seus pontos de encontro, esse grupo volta a criar identidade com esse espaço, ocupando-o e criando condições para excluir pessoas de perfis socioeconômico e cultural diferentes.

Para atender às expectativas de público tão diversificando, foi criado dentro do evento condições favoráveis para agrupar pessoas de perfis diferentes, em espaços que se identificassem e reconhecessem como seu território. Desde o início da criação do Parque do Povo foram criadas áreas destinadas para serem frequentadas de acordo com perfil sócio econômico da população, desde então as pessoas foram induzidas a permanecerem naquele local, durante as noites em que acontece o evento, resultando na formação de territórios, de segregação social. De acordo com Lima:

Por sua vez, a disposição das barracas, ao longo do espaço do Parque, fica a critério da comissão organizadora da festa junina e, conforme a sua localização e o seu tamanho, há uma variação de preço a ser cobrado. O que se observa na distribuição das barracas é uma continuidade da hierarquia e estratificação social reproduzida no cotidiano da cidade; ou seja, o próprio espaço da festa segmenta-se segundo determinados critérios, como posição social, poder aquisitivo, faixa etária, entre outros. (LIMA,2008,p.58.)

Além da formação dos territórios, o processo de desterritorialização também acontece no maior São João do Mundo, uma vez que quando há mudanças na estrutura do Parque do Povo, são desmembradas algumas áreas de determinados grupos, os quais passaram a ocuparem outros espaços da festa, e nessas mudanças muitos deles passam a não ter mais um local específico para se concentrarem no evento, resultando na evasão desse grupo do evento.

A exemplo podemos citar a barraca “a pomba voo”, que localizava-se próximo a cidade cinematográfica, quase em frente à réplica da Catedral, ponto de encontro de homo afetivos, que ali se reuniam e ocupavam aquele espaço defendendo como seu território, pois outras pessoas de afinidades opostas praticamente não consumiam no local. Depois de 2010, esse território passa a não mais existir no Parque do Povo.

Também se territorializam próximo à cidade Cenográfica, na década de 1990, grupos de jovens considerados rebeldes e intelectuais da cidade; comunistas, de movimento hippies, panks, estudantes, professores universitários, artistas plástico e entre esses os roqueiros, que

se concentravam em um espaço semelhante a uma pracinha, nas proximidades do palco principal, esses grupos durante anos frequentaram aquele local, até que com as mudanças ocorridas no evento, esse espaço se desfez, devido a transferência de cidade cinematográfica para outra área do Parque do Povo.

Na medida em que as mudanças na estrutura do evento ocorrem, é possível uma evasão do público, que diante dos exemplos citados podem até diminuir sua frequência no evento, visto que perdem a sua identidade, para com o mesmo quando seu território é desfeito. Isso pode levar uma parcela considerável de pessoas a frequentar festejos juninos de outras cidades, que seja mais atrativo e acolhedores de diferentes culturas, favoreça a dinâmica dessa diversidade. Uma vez que um evento tenha estrutura para receber o mais variado público é visto sem dúvida como um grande evento, e sabemos que desde os primórdios sempre foi esse o objetivo, ser a cidade a realizar o Maior São João do Mundo.

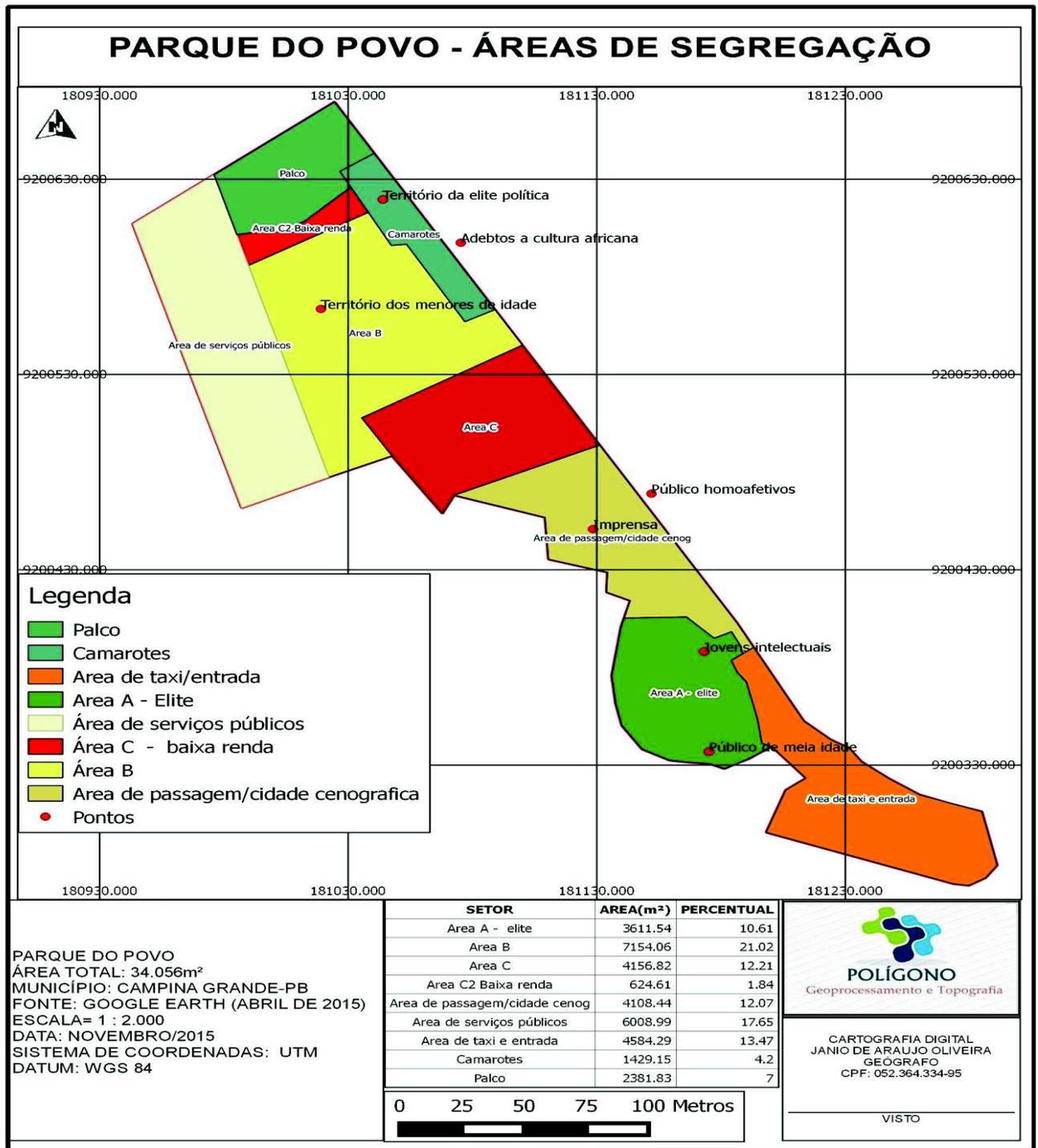
Durante a realização da pesquisa de campo, em junho de 2014, através dos questionamentos sobre o tema, foi possível obter como respostas dos entrevistados em relação à existência de territórios no Parque do Povo, durante o Maior São João do Mundo. Dos colaboradores que responderam ao questionário, 87% responderam que é perceptível a concentração de grupo de pessoas em determinadas áreas do evento. E isso vem se intensificando ao longo dos anos, pessoas de mesmo perfil sócio econômico e cultural se agrupam sempre em locais de acordo com sua cultura e padrão de vida, de forma espontânea ou induzida pela organização do evento. Essas pessoas concentram-se no mesmo lugar, anos após anos e mesmo que a estrutura do Parque do Povo se modifique, elas buscam se concentrarem em locais que estejam de acordo com seus poderes aquisitivos e permanecem lá fazendo daquele local o seu espaço, que dentro das categorias geográficas, podemos dizer seu território.

Apenas 13% dos entrevistados responderam não identificar a presença desses territórios na festa, na opinião dessa minoria, por ser um evento que recebe o mais diversificado público, não há espaço restrito para um determinado público, as pessoas podem circular por toda parte e se concentrem no lugar que desejam permanecer e prestigiar o evento. Aos olhos dessas pessoas não é perceptível a junção de grupos específicos em áreas distintas.

De acordo com observações a princípio dedutivas, depois formalizadas pela a opinião pública foi constatado a presença de alguns territórios no evento. Para melhor compreensão dessa territorialidade foi elaborado um cartograma do Parque do Povo, que mostrado na

Figura 15 identificado alguns dos territórios confirmados pela pesquisa. Desde 1986 é comum a ocupação no mesmo local, por pessoas do mesmo perfil: posição social, faixa etária, entre outros.

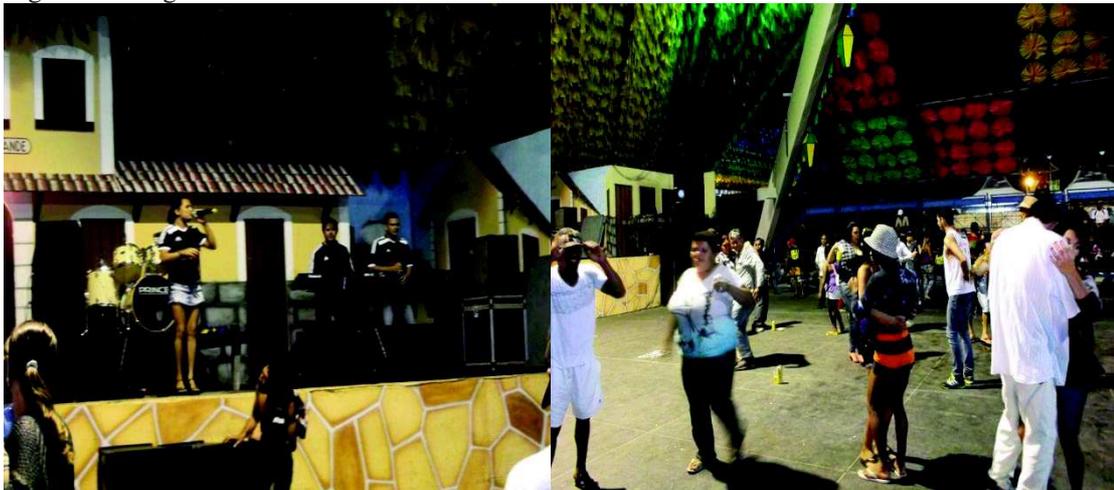
Figura 15: pontos representativos dos territórios no Parque do Povo.



Fonte: Janio de Araujo Oliveira, 2014.

A Pirâmide é considerada pela a opinião pública, como território mais antigo, pois desde que foi inaugurado o Parque do Povo a organização do evento articulou para que esse espaço fosse frequentado pela população de baixa renda, deixando outros espaços do Parque do Povo para a elite. Desde então o público que ocupa a Pirâmide o “Xerém” são em sua maioria pessoas humildes das periferias da cidade, que buscam manter a tradição do “Xerém” e consideram como seu território. A Figura 16 mostra as imagens desse território. .

Figura 16: imagens da Pirâmide



Fonte: Aline Batista, 13 de junho 2014

Assim como a Pirâmide é possível apontar outros territórios a exemplos de espaços destinados e ocupados pela elite campinense, como as áreas que concentram os bares e restaurantes de luxo da cidade, além de serem frequentados por pessoas da classe alta e média da sociedade, alguns desses locais têm seu público específico, seja por questões culturais ou homoafetiva. Nesses espaços mesmo que a população de baixa renda possa circular, os cardápios de valor inacessível a eles os impedem de consumir e permanecer no local por muito tempo. Na Figura 17 imagens da área elitizada do Parque do Povo.

Figura 17: imagens do Bar do Cuscuz e restaurantes da área elitizada



Fonte: Aline Batista, 13 de junho 2014.

Apesar de alguns territórios terem sido desarticulados, o evento abre espaço para novas territorialidades, o que faz parte da dinâmica da multiterritorialidade da teoria de Rogério Haesbaert, possibilitando que o local da festa disponibilize de espaços mutantes ou tradicionais, o que mostra ao público um evento que é realizado para receber a todos, no entanto com espaços específicos, destinados para diferentes perfis da população, o que tem de fato seus pontos negativos, segregar a sociedade, e fatores positivos, como a capacidade de atender a diferentes gostos, deixando as pessoas a vontade em poder se concentrar em local que se identificam.

#### IV. A INFLUÊNCIA POLÍTICA NO EVENTO

Um fator observado durante o evento é a constante presença dos políticos locais envolvidos de forma direta e indireta no Maior São João do Mundo. Buscando investir e marcar presença, uma vez que o espaço da festa é um excelente campo para demonstrar popularidade aos eleitores, apoiar e “trocar favores” que os beneficie aumentando seu prestígio e poder. Conforme Lima, (2008).

A fabricação da festa junina consubstancia-se, ainda, como um excelente espaço de comunicação dos políticos locais com o povo; os momentos de suas aparições públicas no espaço da festa do “Maior São João do Mundo”, configuram-se em uma oportunidade de não só por em confronto a sua audiência e receptividade “popular”, mas, sobretudo, de criar um ambiente propício para a construção de perfis políticos. (p.141)

Já é possível observar a influência que o poder público exercer, a partir do discurso de abertura da festa, onde o palco principal se transforma em palanque de comício, para que o prefeito discursasse sobre suas ações realizadas na cidade e sobre os investimentos feitos para realização do evento. O prefeito da cidade busca deixar no evento sua marca, através de mudanças e novos investimentos, que passam a ser vistos pelo povo como resultado de uma administração moderna que se preocupa com a qualidade e expansão do evento, disputando entre os antecessores que realizaram O Maior São João do Mundo.

Durante o evento os políticos aproveitam para fazer suas campanhas eleitorais; apoiando empresários, dando-lhes, de alguma forma, prestígios dentro do evento, em troca do apoio dos mesmos, para suas futuras candidaturas. Nesse contexto o espaço da festa se fragmenta, buscando privilegiar as classes de acordo com interesses do poder público.

Apesar das pessoas poderem circular em todas as áreas dentro do evento, elas vão se fixar, apenas no espaço que lhe é conveniente, onde elas podem consumir e se relacionar com pessoas da mesma classe social. Baseado na afirmativa é perceptível pelo público que existe uma segregação social dentro do evento, através da própria estrutura da festa que é organizada de maneira a delimita os lugares que as pessoas devem frequentar de acordo com seu perfil socioeconômico e cultural. Foi levantada a hipótese de que existia influência do poder público na organização do evento, em manter subdividido o espaço do Parque do Povo, em áreas com várias atrações específicas, que se adequam aos públicos diferentes, influenciando na concentração das pessoas em áreas que se adequam características de territorialidades. .

De acordo com a pesquisa realizada no local do evento, durante o mês de Junho de 2014, a maioria dos colaboradores que responderam aos questionários, relataram a influência do poder público no Maior São João do Mundo, como responsáveis pela organização do evento, e pela fragmentação do espaço do Parque do Povo em partes superior e inferior, buscando beneficiar sempre a elite e induzir os menos favorecidos a permanecerem em locais que culturalmente ao longo dos anos são espaços marginalizados, a exemplo do “Xerém” que é mais frequentado por pessoas das periferias da cidade.

A maioria dos colaboradores consideraram que o poder público influencia na organização do evento, distribuindo as atrações de forma proposital resultando na concentração das pessoas em locais compatíveis ao seu poder aquisitivo. O que confirma nossa hipótese inicial.

## **V. O EVENTO FORTALECE A ECONOMIA DA CIDADE.**

Durante o Maior São João do Mundo, Campina Grande recebe visitantes de todo Brasil e de várias partes do mundo, o que contribui para uma maior movimentação na economia da cidade, nessa época os hotéis e pousadas recebem o maior número de clientes, resultando em lotação. As pousadas e albergues também são colocados à disposição dos visitantes, as hospedagens alternativas são casas de famílias em que os donos preparam para garantir uma renda extra durante o mês da festa, nessas o atendimento é como um hotel, algumas oferecem até refeições e muita gente gosta porque se sentem como se fosse sua própria casa.

O Poder Público municipal cadastra pessoas que desejam receber os turistas em suas casas e disponibiliza uma lista com os cadastros, desta forma a hospedagem alternativa pode representar uma economia de até 60% no bolso do turista. A festa fortalece a economia da cidade em diversos setores, a Câmara dos Dirigentes Lojistas de Campina Grande (CDL) estimou que foram injetados R\$ 115 milhões na economia da cidade com a realização da festa em 2012, 15% a mais do que a cidade recebeu o ano anterior. A Prefeitura arrecada tudo isto em impostos investindo apenas R\$ 6,5 milhões. A arrecadação não é boa apenas para prefeitura, mas também para comerciantes que aumentaram seu faturamento nessa época do ano. (CABESTRO.BLOGSPOT.COM, 2012)

Campina Grande é a cidade que mais gerou empregos durante o mês de junho na Paraíba. Foram gerados 500 novos empregos, conforme dados divulgados pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego. Impulsionaram a economia da cidade com aumento no comércio de 53 novos postos, na indústria com 300 e o setor de serviços com 175. (PARAÍBA ONLINE, 2015)

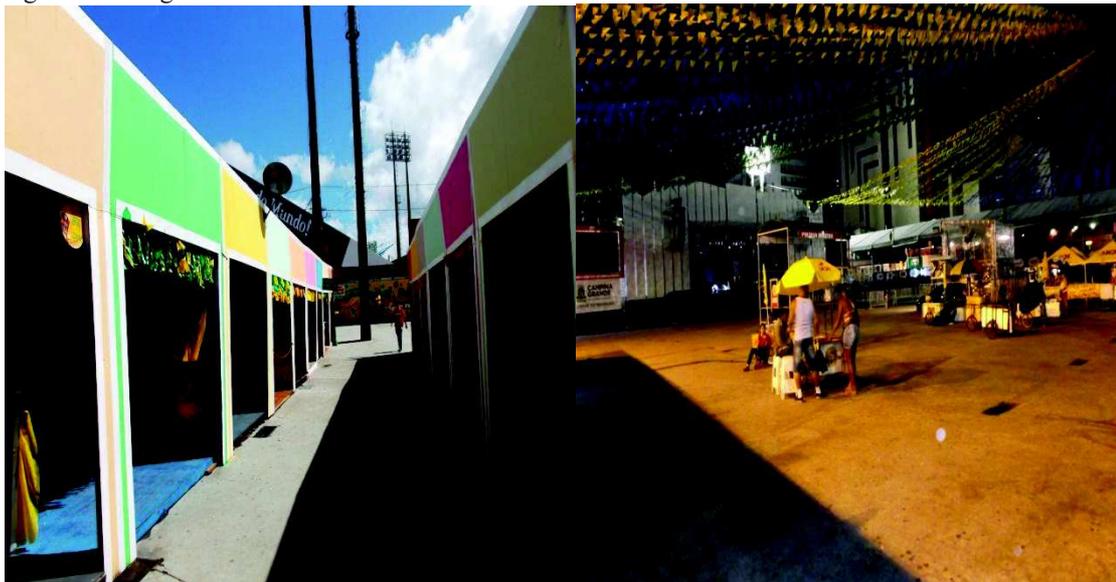
O prefeito de Campina Grande, Romero Rodrigues, comemorou os números, tendo em vista a cidade ter registrado o melhor volume de empregos gerados em junho entre as 17 cidades pesquisadas pelo Caged na Paraíba. Em segundo lugar destaca-se Santa Rita 157 e em terceiro aparece João Pessoa com aumento de 154 novos empregos. Em entrevista ao jornal eletrônico Paraíba online, o atual prefeito Romero Rodrigues destacou:

Estamos felizes. Campina, de fato, conforme atestam os números desta pesquisa, lidera o volume de empregos gerados na Paraíba. Conforme os dados, o Estado gerou o maior saldo de empregos do Nordeste, com a abertura de 1.273 postos de

trabalho, sendo registrado um saldo de 54,5% superior a junho do ano passado”. (PARAÍBA ONLINE 2015)

Além dos novos empregos que são gerados na cidade, no espaço que acontece a festa é grande o número de campinenses que aumentam a sua renda. São 150 barracas e 98 quiosques instalados no Parque do Povo, além de 300 vendedores ambulantes cadastrados pela Prefeitura que trabalham durante todo mês da festa. Os restaurantes fora do espaço, os hotéis, motéis e pousadas, os taxistas, motoristas, seguranças, garçons, catadores, manobristas, flanelinhas e até jornalistas, além de muitos outros setores, trabalham dobrado no período e multiplicam também os seus rendimentos. A Figura 18 retrata a imagens do comércio do Parque do Povo.

Figura 18: Imagens de barracas e comércio de ambulantes no Evento.



Fonte: Aline Batista/ 16 de junho de 2014.

Assim como Campina Grande, cidades e distritos próximo que promovem eventos juninos, também fortalecem a sua economia, uma vez que as festas de rua intensificam os subempregos e beneficiam o comércio da cidade, além de atrair novos investidores que proporciona melhorias a cidade e qualidade de vida para sua população, a exemplo o Distrito de Galante, que já é um tradicional destino turístico vinculado ao maior São João do Mundo.

Com o evento Campina Grande não ganha apenas destaque como a cidade que proporciona o maior evento junino do mundo, mas como podemos ver o Evento é um fator responsável pelo aumento na economia local durante o mês de junho, uma vez que a

população local passa a comprar mais no comércio com a intenção de se produzir para curtir os trinta dias de festa, além dos turistas que fortalecem ainda mais a economia, uma vez que se deslocam, se hospedam e consomem durante o mês que permanecem na cidade, gerando lucros para empresas de transportes, hotéis, restaurantes e também contribuem para o fortalecimento do comércio de artesanato local.

O que contribui para o aumento das vendas no comércio nesse período é a caracterização junina que os lojistas usam como marketing para atrair os consumidores, além da venda dos artigos juninos que são bastante procurados: Vestes quadriculadas, chapéus de palha, vestidos adultos e infantis para quadrilhas, tecidos, artigos para decorações, entre outros.

Nesse período muitas famílias que fabricam comidas de milho aumentam sua renda devido o aumento na procura por pamonha, canjica, manguzar, bolo e outras comidas típicas derivadas do milho, o qual tem sua colheita festejada no mês de junho. Os comércios de fogos de artificios intensificam suas vendas, proporcionando uma renda extra para muitos e a alegrias da criançada. Esses comercializados em espaços credenciado pela prefeitura e autorizado pelo corpo de bombeiro ou nas barraquinhas de fogos, que algumas pessoas montam na sua residência buscando aumentar sua renda durante o mês festivo.

Desse modo o evento do Maior São João do Mundo além de aquecer as vendas do comércio tradicional de Campina Grande, nesse período abre espaço para novos postos que comercializam artigos típicos do festejo junino, que só sobrevivem durante o período da festa. Podemos dizer que além do evento ser considerado o maior evento cultural e turístico que a cidade proporciona, é sem dúvida responsável pelo desenvolvimento de vários aspectos e por movimentar a economia da cidade que beneficia os empresários, a Prefeitura, a população, em fim toda a cidade, não apenas no mês junino, mas acaba contribuindo para o fortalecimento da economia local o ano inteiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Maior São João do Mundo, evento de grande importância para o turismo e a economia de Campina Grande, é também um campo de vastas variáveis para serem analisadas pelo Geógrafo, uma vez que o local pode ser analisado como objeto de estudo da geografia, onde o espaço sofre suas modificações de acordo com a interferência do ser humano, ou seja, a sociedade é responsável por dinamizar o espaço da festa. Com a intenção de fazer uma análise mais ampla de como a sociedade dinamiza esse espaço, o trabalho foi desenvolvido com objetivo de confirmar a existência dos territórios e da segregação social no Maior São João do Mundo.

Para a fundamentação de que o homem pode ser responsável pela delimitação de seu território, é usado como referência a teoria da multiterritorialidade de Rogério Haesbaert, que apresenta o social como responsável pela territorialização e desterritorialização de uma área, conforme acontece no Maior São João do Mundo. Para enfatizar a existência da segregação social, a Fábrica dos Sonhos de Elizabeth Lima, conforme relata a História do evento, confirma que segregação e formação de territórios, existe desde os primórdios da festa.

Com base nas fundamentações teóricas e na realização da pesquisa de campo, qual a maioria dos entrevistados confirmaram perceber a existência dos territórios de segregação socioeconômica no evento, as hipóteses que foram levantadas a princípio baseadas em dedução, obtiveram respostas positivas, passando a ser concreto que a formação de territórios e a segregação social é visível aos olhos do público e não apenas ao da autora, isso fez com que a pesquisa alcançasse seu objetivo.

Dentro dos objetivos específicos, a pesquisa propôs identificar se as pessoas se segregam de forma espontânea, se são induzidas e quais são os fatores contribuintes. De acordo com os entrevistados as pessoas são induzidas a se distribuírem no local do evento, pela organização da festa, que organiza os espaços para serem ocupados de acordo com perfil sócio-econômico dos frequentadores, sendo que o poder público e os empresários de maior poder aquisitivo, contribuem em escolher e demarcar essas áreas, para que possa ter privilégios os que estejam relacionados à política e elite empresarial.

Além de validar as hipóteses levantadas na pesquisa, também foi possível identificar os pontos negativos que a segregação social tem para o evento, que é atribuir valores pejorativos as pessoas que se concentram em espaços considerados “inferiores”,

caracterizando essas áreas frequentadas pela população de baixa renda como marginalizadas, afastando do local turistas, e o próprio campinense, aquele que não dispõe de alto poder aquisitivo, que possam frequentar outras áreas, esses preferem não prestigiar o evento ao ter que se concentrarem em áreas que “ofereça perigo”.

Como pontos positivos, a formação dos territórios de segregação socioeconômica, servem para dinamizar o Evento, uma vez que o público se sente mais a vontade em poder fixar-se em local, onde as pessoas tem o mesmo perfil socioeconômico e cultural e podem consumir aonde o preço seja acessível ao seu poder de compra. Quanto ao território é favorável aqueles que se reúnem todos os anos no mesmo local, porque torna-se seu ponto de encontros, além de poder situar-se com pessoas de características afins e não precisar estar circulando em outras áreas sem fixar-se em lugar algum, já que o que lhe interessa é permanecer em seu território.

Nos eventos, sempre que existem espaços diferentes a serem ocupados por determinadas classes, existe sempre uma área privilegiada, sempre relacionada à elite. O Maior São João do mundo, ao longo dos anos vem ganhando característica de ser uma festa elitizada, em razão de haver uma maior preocupação em privilegiar sempre essa área, com atrações inovadoras, mais segurança e conforto.

Com o resultado da pesquisa concluído o trabalho poderá servir de referência para outros pesquisadores que buscam analisar as problemáticas sociais dentro do contexto da festa, seja relacionado a esse tema, ou a outra variável relacionada à questão social, uma vez que o evento é um campo abrangente para analisar vários aspectos. Além de ser acrescentado um material de estudo a mais, para que as pessoas que tiverem acesso possam conhecer um pouco mais sobre a história, organização espacial e social, desse evento que é tão importante para a cidade de Campina Grande.

O resultado desse trabalho também possibilitou mostrar para o público, que o Maior São João do Mundo não é apenas uma festa junina, mas um campo de estudo que é de interesse de pesquisadores e academias, isso fez com que as pessoas participassem e interagissem com maior interesse e de forma mais comprometida com a pesquisa, também se sentindo importante em poder contribuir. Desse modo o público que participou da pesquisa respondendo ao questionário, colaboraram para um resultado concreto e entenderam a importância desse estudo, essas pessoas foram de extrema importância para a realização desse trabalho.

Alcançado o objetivo da pesquisa, a realização desse trabalho pode proporcionar a oportunidade de identificar e vivenciar na prática as teorias abordadas durante todo curso de Geografia, ser uma pesquisadora e desenvolver uma visão geográfica dentro do espaço que estou inserida. A satisfação de fundamentar cientificamente, através desse trabalho, o que a longos anos identificava no Parque do Povo durante o Evento, é hoje a realização de poder concretizar minhas observações dentro do contexto geográfico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS :

ANDRADE, Manuel Corrêa de. **A questão do território no Brasil** . São Paulo: Hucitec,2004.

GASPAR, Lúcia. *Quadrilha Junina*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: dia mês ano. Ex: 6 ago. 2009

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre. UFRGS, setembro de 2004.

LIMA, Elizabete Cristina de Andrade. **A fábrica de sonhos: A invenção da festa junina do espaço urbano**. 2º Ed. Campina Grande, EDUFPG,2008

NETO, Agripino Souza Coelho. **Componentes definitorios do conceito de territórios: A multiescalaridade, a multidimensionalidade e a relação espaço poder**. Bahia. UEB, 2013

## REFERÊNCIA ONLINE

Cabestro. Blogspot.com.br.07/2012

Google earth.04/2015

Jornal da Paraíba. Campina Grande, 1977.

Jornal da Paraíba. Campina Grande, 1981.

Jornal da Paraíba. Campina Grande, 1995.

Paraibaonline.com.br.02/2015.

## APÊNDICE



Universidade estadual da Paraíba  
 Centro de Educação – CEDUC  
 Departamento de Geografia  
 Aluna Aline Batista da Silva  
 Elaboração de pesquisa, coleta de dados para realização de TCC

### Diagnostico dos aspectos sociais existentes no parque do povo

1. O questionário a ser respondida conta com a participação do seguinte colaborado:

Frequentador do evento  Turista  comerciante local

Trabalha de forma direta no evento

2. Cidade onde reside: \_\_\_\_\_

3. Período em que frequenta o evento

De 1 a 5 anos  De 5 a 10 anos  De 10 a 20 anos  mais de 20 anos

4. Há uma divisão de classes sociais, no local do evento, que leva as pessoas a ocuparem diferentes espaços, de acordo com seu perfil econômico e cultural.

sim  Não

5. As pessoas se organizam em diferentes espaços no Parque do Povo de forma espontânea, mantendo a tradição?

Sim  Não

6. O poder publico organiza o evento distribuindo as atrações de forma proposital, obrigando as pessoas se organizarem em diferentes locais?

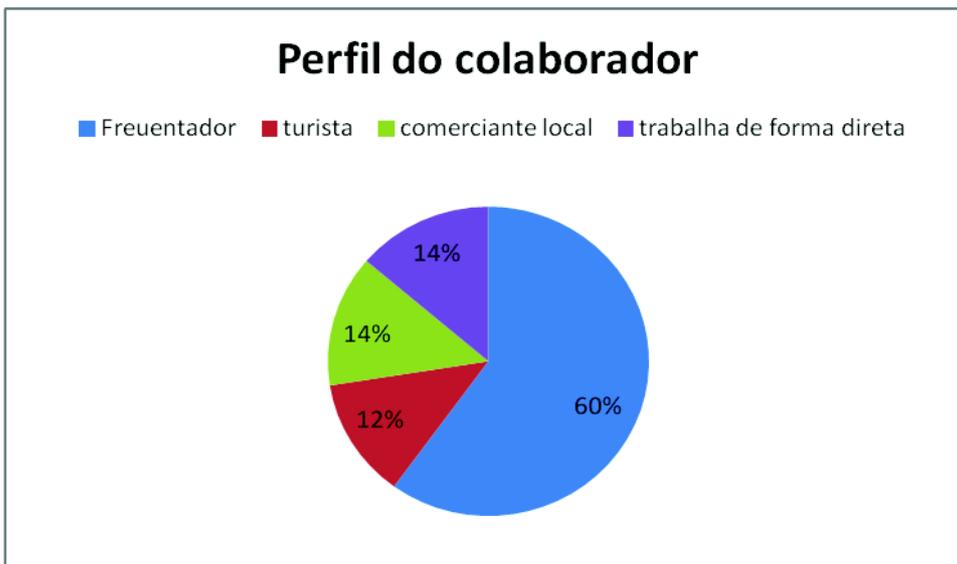
Sim  Não

7. Há influencia dos empresários, que delimitam o seu território e exclui os menos favorecidos, obrigando os a ocuparem outras áreas do evento?

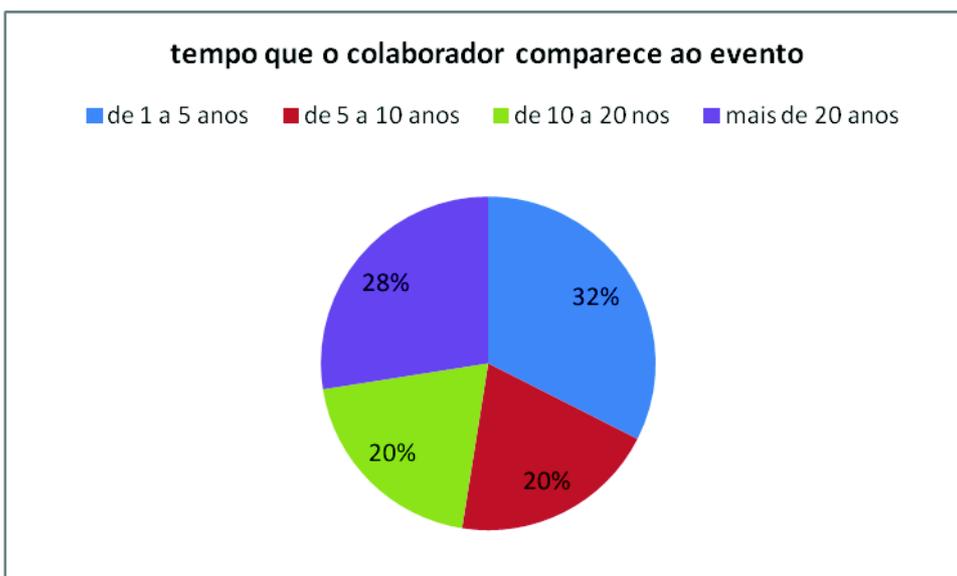
Sim  Não

Resultado da pesquisa de campo.

1- perfil da pessoa que responderam ao questionário:



3- tempo que o colaborador frequenta o evento.



4- existe divisão de classes sociais



5- Organização das pessoas de forma espontânea ou induzidas.



6- A influencia do poder público na organização do evento.



7- Influência dos empresários na organização do evento.

